

PARADOXOS NA DOCÊNCIA CONTEMPORÂNEA

Adenivan Mendes Carvalho
Analu Pandorf
Cassilda Nunes Dutra da Silva
Erico Gleria
Thaís Valim Ramos¹

INTRODUÇÃO

Diversas são as pesquisas que estudam a formação profissional do professor, levando em conta os mais diversos critérios que, de uma forma ou de outra, identificam as distintas possibilidades para a prática docente. Atualmente, muito se tem falado sobre as dificuldades, o descaso e o desrespeito de governantes e da sociedade em geral para com a profissão.

Nesse sentido, a partir de discussões e pesquisas feitas ao longo do curso de mestrado em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, na disciplina de Seminários Avançados de Estudos Linguísticos, sob orientação das professoras Maria Lucia Vasconcelos, Regina Brito e Ana Lúcia Trevisan, buscou-se discutir e refletir sobre o “vir a ser” e o “estar sendo” professor. Compreendendo o ser humano como um ser inconcluso, curioso por natureza e em busca do conhecimento, usou-se como base teórica os conceitos de memória e identidade.

Atualmente, entende-se a identidade como em constante transformação, a qual vai se constituindo por meio das relações interpessoais estabelecidas na sociedade. As transformações que o sujeito sofre durante sua vida modificam sua maneira de ver o mundo, de interpretar o passado e, conseqüentemente, modificam sua identidade.

É importante salientar que a identidade é construída também por meio da memória do sujeito, na qual se organizam eventos sociais vivenciados pelo mesmo ou, ainda, eventos não vivenciados por ele, mas reconhecidos como verdadeiros. Nessas relações que o sujeito estabelece com o outro, com a sociedade, estão presentes aspectos ideológicos, históricos e culturais que se organizam na memória de forma consciente ou inconsciente.

¹ Alunos do curso de Mestrado em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Todos esses aspectos contribuem para o posicionamento do professor diante da sua visão acerca da profissão. Muitos professores acabam se sentindo desestimulados e não desempenhando seu papel de professor crítico e reflexivo, disposto a mudar a situação, enquanto há professores que se veem como um elo para a mudança.

Para compor o *corpus* da pesquisa, solicitou-se a onze professores que redigissem uma dissertação com o seguinte tema: “Como eu imaginava ser professor(a) e como eu me vejo, hoje, professor(a)”. Por meio de relatos autobiográficos, buscou-se perceber o que levou esse profissional a optar pela docência e como este percebe sua prática, procurou-se estabelecer categorias de análise, tais como: idealização x visão realista, frustração x realização, compromisso x descompromisso.

Em um relato autobiográfico, o sujeito não apresenta uma imagem neutra, pois ele tem consciência do efeito que quer causar em seu enunciatário. No entanto, a opção por esse tipo de texto se deu pelo fato de o sujeito, apesar da consciência, deixar transparecer pontos de tensão e conflito ao expressar seus sentimentos. Essa retomada da memória faz com que o sujeito reviva e reflita sobre sua prática, deixando pistas sobre suas crenças, sua maneira de interpretar a situação, bem como sua visão e comprometimento com a docência.

MEMÓRIA

Cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização. (POLLAK, 1992, p. 7)

A memória é um tema que atíça a curiosidade de estudiosos há tempos, já os gregos da época arcaica tratavam a memória como deusa, a Mnemosine, a qual é a “mãe das nove musas que ela procriou no decurso de nove noites passadas com Zeus. Lembra aos homens a recordação dos heróis e dos seus feitos, preside a poesia lírica” (LE GOFF, 1996, p. 438).

O estudo sobre a memória e a importância dada a ela tem despertado muitos pesquisadores na atualidade. De acordo com Huyssen (2004), desde os anos de 1980, há

uma proliferação da cultura da memória, pois a legitimidade de um indivíduo e de uma nação é garantida, cada vez mais, pelo modo como se lida com o passado.

Quando se pensa em memória, tem-se a tendência de pensar que se trata apenas de um fenômeno individual, porém ela deve ser vista especialmente como coletiva. Segundo Enne (2001, p. 3),

Maurice Halbwachs contribuiu definitivamente com as ciências sociais ao propor o conceito de memória coletiva e ao definir os quadros sociais que compõem esta memória. Para o autor, não existe memória puramente individual, posto que todo indivíduo está interagindo e sofrendo a ação da sociedade, através de suas diversas agências e instituições.

Ao falar da abordagem durkheimiana, Pollak (1989, p.1) aponta também essa sobreposição do coletivo sobre o individual: “a ênfase é dada à força quase institucional dessa memória coletiva”, pois os fatos sociais encontrados na memória individual têm origem em uma consciência coletiva.

Para Halbwachs (1968, *apud* Enne 2001, p. 3), “uma questão fundamental acerca da memória coletiva, enquanto fato social, seria a sua ancoragem para cada indivíduo”, ou seja, a memória coletiva serve de base para a memória individual. Bueno (1993, p. 304), ao citar Halbwachs, afirma que “a memória individual, para ele, só adquire sentido quando compartilhada, na medida em que a narração do passado é provocada e se elabora em torno de referências e de pontos em comum com a memória dos outros”.

Ao ser evocada, a memória não é neutra nem fixa, ela se organiza de acordo com a situação, o enunciatário e o efeito de sentido desejado pelo enunciador. Saveli (2006) sugere que, ao evocar a memória, o sujeito faz um exercício de reflexão que o leva a uma retomada de consciência de alguma coisa. Essa tomada de consciência implica em posicionamento, ou seja, o enunciador, ao produzir um discurso, tem em mente a imagem que quer projetar de si, dependendo do contexto e do enunciatário em questão. Já Pollak (1992, p. 2) ressalta o fato de que, apesar de a memória ter essa característica flutuante e mutável, há alguns marcos ou pontos que não sofrem variações, é como se eles fizessem parte da essência do indivíduo.

Sendo a memória um fator tão importante na constituição do sujeito, os elementos que a constituem são, também, objetos de estudo de muitos pesquisadores. Pollak (1992, p. 2) discute sobre os pontos constitutivos da memória e mostra que, primeiramente, estão os acontecimentos vivenciados pessoalmente pelo indivíduo. Alguns acontecimentos em que não se tem um envolvimento pessoal, mas que foram vividos pelo grupo ao qual se pertence também deixam suas marcas na memória do sujeito. Outros itens apontados pelo autor como importantes na constituição da memória são os personagens e os lugares com os quais o sujeito pode ter tido um contato direto ou indireto.

Na memória, residem vestígios da vida e das experiências do sujeito. Agostinho, em suas Confissões, trata da memória como a “imensa sala da memória”, na qual estão armazenadas as vivências do sujeito e que podem ser invocadas espontaneamente ou não.

Chego agora aos campos e às vastas zonas da memória, onde repousam os tesouros das inúmeras imagens de toda a espécie de coisas introduzidas pelas percepções; onde estão também depositados os produtos de nosso pensamento, obtidos através da ampliação, redução ou qualquer outra alteração das percepções dos sentidos, e tudo aquilo que nos foi poupado e posto à parte ou que o esquecimento ainda não absorveu ou sepultou. (YATES, 1996 *apud* LE GOFF, 1996, p. 445).

Esse excerto vem confirmar a ideia de que na memória estão depositados todos os resultados das interações do sujeito, tecidas durante sua vida. Nela também estão presentes aspectos históricos e culturais a que os sujeitos foram expostos. Ao longo de sua vida, o indivíduo é marcado por narrativas de outras pessoas, ou seja, a memória de outros indivíduos também é um elemento formador da memória do sujeito.

Há, ainda, os acontecimentos históricos que são herdados e armazenados na memória. Um indivíduo pode não ter vivido no período da II Guerra Mundial, mas o fato de conhecer a história é suficiente para que ele tenha alguns conceitos formados sobre esse período histórico. Pollak declara que a memória é um fenômeno construído e essas construções podem ser tanto conscientes como inconscientes.

Nesse sentido, a memória contribui para a formação da identidade do sujeito, pois as situações vivenciadas por ele e gravadas em sua memória contribuem para um

movimento de transformação, já que o sujeito é um ser em constante aprendizagem. Halbwachs (1968, *apud* SAVELLI, 2006, p. 97) professa que “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”.

Essa relação entre passado e presente, memória e identidade, proporciona um questionamento em relação à possibilidade de resgatar experiências passadas e, assim, rever a prática presente. Segundo Bueno *et al* (1993, p.303),

A crise atual do sistema de ensino público brasileiro, corroendo a identidade profissional dos professores, tem provocado movimentos de revalorização da memória, quer no sentido amplo da história da educação, quer no sentido pontual da recuperação de memórias de professores.

Levanta-se aqui um questionamento: revisitar a memória, buscando modelos de profissionais que marcaram sua vida, rememorar as boas experiências vivenciadas na escola como estudante e recordar as idealizações que se tinha em início de carreira possibilitaria ao educador uma revisão de sua prática no presente? Alguns estudos têm sido realizados nesse âmbito, na tentativa de levar o professor a criar uma contramemória. Bueno *et al* (1993, p. 307) afirma que

[...] ao propor aos professores um trabalho de pesquisa e de reflexão a respeito de suas próprias histórias de vida e de formação intelectual, desenvolve-se um tipo de análise que não apenas ultrapassa os limites dos estudos centrados nas práticas docentes mais imediatas, mas os leva sobretudo a desenvolver um processo de desconstrução das imagens e estereótipos que se formaram sobre o profissional no decorrer da história.

Ressalta-se, portanto, quão produtivo pode ser para um profissional, sendo o foco deste estudo aqueles que estão envolvidos diretamente no âmbito educacional, o revisitar seu passado, reconstruí-lo e sentir-se arquiteto de sua própria formação.

IDENTIDADE

Uma identidade nos aparece como a articulação de várias personagens, articulação de igualdades e diferenças, constituindo e constituída por, uma história pessoal. (CIAMPA, 1987, p. 157)

Nascemos em um mundo já nomeado, com regras sociais bem definidas e permeado por ideologias. Ao nos inserirmos nesse mundo, somos, imediatamente, identificados. Já na maternidade recebemos uma identificação para recém-nascidos e, com o passar do tempo, cada vez mais, identificar-se para distinguir-se se faz necessário. Passa-se, assim, a fazer parte de um mundo pelo qual somos influenciados e o qual influenciemos, passamos a experimentar vivências, muitas que nos marcam e que guardamos na memória.

A identidade foi considerada por muito tempo fixa e imutável, mas hoje novas tendências levam a perceber que a identidade é um processo que se constrói socialmente dentro das relações, levando em conta os papéis sociais que assumimos. Em Ciampa (2001, p. 86), encontramos que:

O indivíduo isolado é uma abstração. A identidade se caracteriza na atividade social. O mundo, criação humana, é o lugar do homem. Uma identidade que não se realiza na relação com o próximo é fictícia, é abstrata, é falsa.

Percebe-se, assim, que o ser humano se define nas suas relações sociais, age em função do outro, tentando passar uma imagem que vá ao encontro das expectativas deste. De acordo com a situação, ou melhor, com o papel social que o sujeito assume a cada situação, ele adota posturas diferentes, assumindo papéis sociais distintos e, dessa forma, vai construindo sua história.

As experiências pelas quais o sujeito passa e que ficam guardadas na sua memória contribuem para a formação da sua identidade, o ser humano está em constante transformação e esse processo, pelo qual todo homem passa, como ser social e histórico, Ciampa (2001, p. 243) chama de “metamorfose”, descrita como a “constituição de uma identidade, que representa a pessoa e a engendra”, é a construção e a reconstrução do ser que acontece a cada dia.

Diferentemente dos animais, o ser humano atua no seu ambiente modificando-o, e não apenas se adaptando ao mesmo, apesar de ser do interesse de um grupo dominante, a imobilidade, o conformismo ao estabelecido, acreditando, muitas vezes, que o futuro não pode ser mudado, que tudo é determinado pelo destino.

Paulo Freire traduz bem a ideia da transformação do ser humano ao dizer que este é um ser “programado para aprender”, ou seja, é um ser que cria e recria, que constrói e destrói.

Foi exatamente porque nos tornamos capazes de dizer o mundo, na medida em que o transformávamos, em que o reinventávamos, que terminamos por nos tornar ensinantes e aprendizes. (FREIRE, 1997, p.19)

Há certa dificuldade em se responder quando questionado sobre “quem se é”, uma vez que precisa ser levado em conta o papel social que se cumpre em determinada situação. Geralmente, fala-se o nome, a profissão, busca-se características que aproximem o sujeito de um grupo social, mas que também seja fator de distinção. O ser humano tem necessidade de se identificar com um grupo social, pois existe neste um sentimento de pertença e o desejo de se sentir útil e de contribuir para o grupo de alguma forma. Pollack (1992, p. 5) declara que “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com os outros”.

São duas as possibilidades de entendimento do que seja identidade: a individual e a coletiva. A identidade coletiva é entendida como a somatória dos fatores que torna o sujeito parte de um grupo, que o torna semelhante e membro de uma comunidade, como, por exemplo, nas profissões: médico, advogado, professor, etc. Já a identidade individual, esta é justamente o que diferencia cada indivíduo no grupo ao qual pertence, levando em conta toda a sua especificação, construída ao longo da vida.

Assim, tanto a identidade individual como a identidade coletiva contribuem para entendermos a questão da identidade profissional, a qual é construída pelo papel social que representa, no caso deste artigo, a identidade profissional docente que implica tanto os valores, as memórias, as experiências individuais (identidade individual) quanto as relações de cada professor com outros professores, em outros agrupamentos, como escolas e sindicatos (identidade coletiva), enfim, tudo isso corrobora para que haja a construção e a reconstrução do sujeito-professor em seu meio. E é esse sujeito, que, ao se assumir professor, se transformando, transforma também o outro.

O PROFESSOR

A curiosidade, a necessidade de saber são universais, repitamos, a resposta é histórica, político-ideológica, cultural. A forma como esta necessidade de saber, de aprender, de ensinar é atendida é que não é universal. (FREIRE, 1997, p. 22)

Todas as profissões contribuem para o bom funcionamento da sociedade, no entanto, há uma profissão que, de uma maneira ou de outra, deixa sua marca em todas as outras – a docência. Ainda que a sociedade moderna valorize extremamente outros profissionais como, por exemplo, médicos e engenheiros, é inegável a importância do trabalho de docentes na formação deles.

Embora se reconheça a relevância dessa profissão, o trabalho em sala de aula tem se tornado cada vez mais difícil e a valorização do docente está cada dia menor. Ao mesmo tempo em que as exigências da função são ampliadas, entram no mercado de trabalho professores pouco preparados para exercê-la e sem uma formação continuada que os capacite a enfrentar os desafios de uma educação mais crítica e reflexiva.

O professor tem um papel muito importante na sociedade, pois é ele que pode estimular a curiosidade característica do ser humano e, conforme Freire (2005), é esse profissional que pode fazer com que essa curiosidade ingênua e espontânea se transforme em curiosidade epistemológica, ou seja, sua capacidade de aprender criticamente. Dessa forma, o sujeito tornar-se-ia atuante e desejoso por mudanças e não mais seria um indivíduo que simplesmente se adapta e aceita tudo o que está pronto como se fosse obra do destino.

O senso comum convive com a ideia de que o mundo está pronto e definido, não havendo necessidade de grandes mudanças. O professor adaptado a esse modelo tende, apenas, a descrever esse mundo para que o aluno o memorize e o reproduza. Essa maneira de ensinar vem a corroborar com a ideologia dominante para qual é interessante que o povo se adapte, se acomode ao que lhes é imposto, tornando mais fácil sua dominação. Brandão (1991), citando Althusser (1970), aborda o fato de que, para manter a condição de domínio, a classe dominante recorre a mecanismos para perpetuar e reproduzir as condições materiais, ideológicas e políticas vigentes; e o Estado, por sua

vez, tem o papel de forçar a classe dominada a submeter-se a essas condições por meio dos Aparelhos Repressores (Governo, Exército, política, tribunais, etc.) e dos Aparelhos Ideológicos do Estado (religião, escola, família, cultura).

Essa forma de ensino, reprodutora e alienante, porém, não se dá somente por escolha do professor, pois, já na sua formação, ele é condicionado a pensar que aquela é a maneira correta de ensinar, pois esse é o único modelo a que foi exposto durante sua vida. É levado, também, a pensar a educação como neutra, o que ela não é. Diante dessa realidade, faz-se necessário ressaltar que o professor em formação deve ser estimulado a refletir sobre os problemas que assolam a profissão, bem como maneiras de tentar solucioná-los. Ele precisa se perceber como ser inconcluso e em constante aprendizado, tornando-se crítico para, então, levar seu aluno a fazer o mesmo. Um sujeito, para ser crítico, precisa ser estimulado, levado a perceber seu lugar no mundo e aprender a pensar certo para poder ensinar a pensar certo. Conforme encontramos em Paulo Freire (2005),

A grande tarefa do sujeito que pensa certo não é transferir, depositar, oferecer, doar ao outro, tomado como paciente de seu pensar, a inteligibilidade das coisas, dos fatos, dos conceitos. A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de entender, desafiar o educando com quem se comunica e a quem comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. Não há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade. (p. 38)

Um bom professor precisa saber escutar seu aluno, aproveitar sua experiência de vida, ter respeito aos seus saberes, bem como levá-lo a refletir acerca dos acontecimentos do mundo a sua volta. Esse relacionamento entre os protagonistas da educação traz à realidade o fato de que a educação é uma via de mão dupla e que o professor aprende junto com seu aluno. Outro fator muito importante é compreender que a educação é um processo permanente, que o ser humano é curioso por natureza e essa curiosidade precisa ser estimulada e não tolhida como acontece em muitos bancos escolares.

Diante de todas as dificuldades enfrentadas no exercício dessa profissão, há, no entanto, uma mola propulsora que faz com que muitos professores persistam na prática docente – o idealismo de que a educação pode melhorar o Brasil. Para desempenhar bem essa tão importante função, é preciso acreditar que é possível mudar o que não está

bom e que é necessário formar sujeitos críticos e conscientes do seu papel no mundo. O professor deve se conscientizar “[...] de que ensinar não é ‘transferir conhecimento’, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 2005, p. 22). Tendo em mente que somos seres inconclusos, em constante transformação, e que estamos sempre aprendendo, o professor deve aproveitar ao máximo todo o repertório de seu educando, respeitando sua autonomia, desenvolvendo, em sua prática, uma educação reflexiva, sabendo que o aluno é o sujeito de toda essa transformação, uma vez que “não há docência sem discência” (FREIRE, 2005, p. 23); dessa forma, é o educando que move o professor em sua prática pedagógica.

Muito se tem debatido sobre a situação da educação, mas é necessário refletir também sobre o como está acontecendo esse ensino, fazer com que os professores percebam que a possibilidade da mudança está também em suas mãos.

Para isso, é de fundamental importância que o professor seja comprometido em seu ambiente de trabalho, para que realmente o ensino e, logo, a aprendizagem aconteçam, pois é necessário que se tenha em mente “[...] a responsabilidade ética no exercício de nossa tarefa docente” (FREIRE, 2005, p. 15). O professor, ao se propor a ensinar, deve ter a consciência de sua própria incompletude e saber que não é o único detentor do saber, que ele também aprende enquanto ensina, e vice-versa, por isso a importância de um professor-pesquisador, que junto com seu aluno também explora o mundo. É essa consciência do inacabamento que faz com que o professor seja um sujeito transformador.

ANÁLISE DO CORPUS

Tendo como norte alguns pressupostos teóricos da Análise do Discurso, este texto se propõe a refletir acerca do perfil do professor a partir dos intentos aplicados a uma amostragem de onze textos autobiográficos, solicitados a professores da educação básica da cidade de São Paulo – rede particular e rede pública, alguns em início de carreira, outros já exercendo a profissão –, buscando identificar as aproximações e os afastamentos que permeiam tais textos, indicativos de traços apresentados pela memória, sendo trazidos por relatos da prática docente.

Na proposta do texto autobiográfico, o professor procura delinear, conforme Saveli (2006), uma versão longitudinal de si mesmo, na qual se depara com dilemas

pessoais e profissionais. Na tentativa de lembrar suas vivências, revive e reconstrói cada uma delas, deixando transparecer pontos de tensão e conflitos por meio dos sentimentos atravessados na narrativa, os quais decorrem das interrelações com o outro, representados tanto pelo contexto social como também pelas crenças e ideias.

A Análise do Discurso sugere que todo discurso deixa pistas por meio das quais é possível chegar a um significado, então, por mais que a imagem comportada na memória seja acometida de alterações, as pistas deixadas durante a revisita ao passado sob o olhar do presente, as quais certamente não são neutras por estarem orientadas para um determinado contexto, possibilitam perceber aspectos diversos, decorrentes dos pontos de vista cultural e ideológico.

Dessa forma, buscou-se traçar categorias que possibilitassem uma leitura horizontal dos textos produzidos.

1. Docência: onde o romantismo sobrepõe-se ao realismo (idealização x visão realista)

Não há pensamento que não esteja referido à realidade, direta ou indiretamente marcado por ela, do que resulta que a linguagem que o exprime não pode estar isenta destas marcas. (FREIRE, 1992, p. 70)

Uma categoria de análise que se fez constante em todos os textos foi a **idealização** da prática docente. Depreende-se uma visão romântica da profissão, mesmo que se saiba de todos os rótulos negativos que assolam a docência, um forte apelo social justifica que jovens profissionais ainda se arrisquem a trilhar esse caminho profissional pela certeza de poder contribuir para a formação de outrem, bem como na esperança de poder fazer a diferença.

A imagem de antigos professores se fez presente nas narrativas como um fator que contribuiu para despertar o interesse pela profissão e que influenciou a escolha pela docência. Percebe-se retida na memória imagens de professores detentores do conhecimento, desejosos de partilhá-lo com seus alunos de forma dedicada e sendo respeitado por isso.

Aprendi que o professor era alguém dedicado, inteligente e especial, que havia decidido compartilhar seu conhecimento com os demais. Dessa forma, o professor era merecedor de respeito e admiração. (Excerto – texto 1)

Também se constata a visão de que eram aulas fáceis de serem ministradas, aulas tradicionais, mas que eram valorizadas e gratificantes e, dessa forma, tiveram grande influência na vida desses professores. Nota-se ainda a vontade de empregar, bem como reformular os ensinamentos obtidos na formação acadêmica.

Pensava que eu sempre estudaria e teria muita disposição para inovar e reformular a maneira como meus professores me ensinaram. Afinal, muitos deles pareciam ser ortodoxos. Parecia fácil pegar um livro e passar matéria na lousa ou mandar os alunos resumirem capítulos inteiros para estudar para prova ou ainda ditarem matéria para a sala treinar a concentração e a ortografia. Mesmo na faculdade, encomendar xerox ou apostilas para se discutirem assuntos em sala, passar slides, assistir palestras, montar rodas de estudo numa biblioteca... Que coisa maravilhosa! Muito simples e gostoso, não é mesmo? (Excerto – texto 6)

Nos excertos que seguem, percebe-se o sonho de encontrar um local de trabalho que possua recursos que auxiliem a prática docente, para, assim, poder empregar os conhecimentos obtidos durante a formação, os quais seriam valorizados e estimulados por meio de investimentos em cursos de capacitação, bem como pela exigência da escola. Mas fala-se de uma exigência estimulante, aquela que desafia o profissional e para tanto dá condições para que este se desenvolva e alcance o topo.

Enquanto me preparava para exercer a profissão docente, imaginava encontrar escolas “perfeitas”, que oferecessem ao corpo de professores todos os recursos disponíveis para dar aula, cursos de atualização frequentes e alunos com sede de saber. Imaginava-me sendo desafiada a cada dia pela busca de melhor desempenho profissional e dominadora de um saber “supremo” em relação aos meus alunos. (Excerto – texto 2)

Antes de eu entrar numa sala de aula, imaginava que a vida de professor era a melhor do mundo. Para mim, essa era uma das profissões mais belas por ser nobre, principalmente pelo conhecimento e pela capacidade de poder transformar os sonhos e as palavras em realidade. (Excerto – texto 6)

O tempo necessário para que haja dedicação à profissão também foi referido, assim como o retorno financeiro, conforme se percebe nos trechos abaixo; porém, estes deixam implícito que a percepção da falta destes se deu a partir da experiência na profissão e da constatação de que o tempo não é suficiente para tal.

Eu imaginava ser uma professora que tivesse mais tempo para me dedicar à profissão, pois para lecionar de forma reflexiva e crítica é preciso se dedicar em sua profissão. (Excerto – texto 8)

Eu imaginava ser aquele professor que além de saber lidar com a matéria que eu também recebesse um retorno [...] (Excerto – texto 3)

Contrapondo a esses fatores de idealização, apareceu nas narrativas a **visão realista** da profissão. Essa visão deixa transparecer que a constatação da realidade, em oposição à forma idealizada anteriormente, representa um choque para o professor, vem acompanhado de um sentimento de frustração e de incapacidade de mudança.

Alguns fatores com relação à visão realista dos professores quanto à profissão são o tempo necessário para a formação. Pelo excerto abaixo, fica claro que esse sujeito esperava uma formação fácil, sem muitas exigências.

O caminho para este objetivo é um pouco mais longo e árduo do que eu imaginava. Anos de estudos e parece ainda não ser o suficiente para exercer a arte de ensinar. (Excerto – texto 1)

Porém o ser humano sendo um ser inconcluso e curioso por natureza deve se entender como um ser em constante aprendizado. A educação permanente é fator indispensável para a docência.

Nota-se no fragmento que segue o discurso decepcionado dos professores e que acaba por influenciar outras pessoas.

Hoje, vejo que meus colegas de profissão, principalmente os que encontro depois de muitos anos dentro de escolas públicas, não são exatamente os modelos de experiência e vivência que desejo para o meu futuro. Nessas escolas encontro inúmeras dificuldades para lecionar, desde a falta de papel para fotocópias até a fome ou excesso de trabalho que não permite que o meu aluno tenha disposição para aprender. (Excerto – texto 2)

O próximo fragmento chama a atenção pelo desconforto do professor acerca da situação em que se encontra o ensino. O sentimento de ter de desaprender para recomeçar é um traço muito forte, é como se o professor tivesse de se adaptar ao modelo existente, pois a mudança não é possível. Esse trecho passa a imagem de um professor que se sente derrotado pela situação pelo fato de não poder fazer nada para transformá-la.

Que pena! Já formado, quando entrei numa escola para praticar aquilo que sabia ou que sonhava, deparei-me com a dura realidade: ninguém se interessa por tudo aquilo que você quer passar. A tensão do princípio – que creio fazer parte da inexperiência – os discursos da faculdade, as convicções pessoais, as constatações diárias, a necessidade de planejar, pesquisar e estudar ao mesmo tempo e a malandragem de muitos, sejam alunos ou colegas, te castigam no início (e até hoje me assombram). Tudo isso causou muito desconforto em mim, afinal tudo o que aprendi, tive que desaprender e recomeçar. Aí é pior porque o esforço é triplicado: ter que abandonar as convicções, reavaliar a situação e pesquisar muito. (Excerto – texto 6)

(...) porém, hoje na situação em que nos encontramos, é difícil pensar em uma dedicação total a sua profissão, pois é necessário fazer outras coisas para viver. (Excerto – texto 8)

2. Não esmorecer para não desmerecer (frustração x realização)

A desesperança é negação da esperança [...] não é maneira de estar sendo natural do ser humano, mas distorção da esperança. Eu não sou primeiro um ser da desesperança a ser convertido ou não pela esperança. Eu sou pelo contrário, um ser da esperança que, por “n” razões, se tornou desesperançado [...] (FREIRE, 1996, p. 80-81)

A idealização da profissão trouxe outra importante categoria encontrada no *corpus* analisado – a **frustração**. Os professores, ao longo da prática profissional, observam que seus sonhos quase sempre não serão realizados e que a realidade escolar é outra.

Um dos motivos encontrados no *corpus* para essa frustração é o fato de os professores não serem mais respeitados e vistos como figuras importantes na sociedade. Os fragmentos abaixo demonstram que a imagem do professor sofreu certa degeneração, pois não se valoriza mais o seu trabalho como antigamente.

O mundo também não é mais como era antigamente. Pelo menos a figura do professor não é. (Excerto – texto 1)

O professor atualmente não tem reconhecimento algum na sociedade [...] Os baixos salários a que somos submetidos nos transformaram em coitados. A família também é culpada por esse desrespeito, pois sempre se coloca ao lado do aluno e contra o professor. (Excerto – texto 11)

Outro fator preponderante de frustração encontrado no *corpus* foi a incoerência entre a necessidade de estudar e a falta de tempo para isso. Freire (2005, p. 29) afirma que

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

É consenso geral de que os professores necessitam de uma formação continuada, no entanto, os professores se vêem tão envolvidos no processo que se sentem privados de algo que lhes é necessário em sua prática profissional – o tempo para pesquisa.

[...] Mas essa atualização tem de partir de mim, com meus recursos, tentando encontrar um tempo em meio a centenas de aulas para preparar e milhões de provas para corrigir. (Excerto – texto 2)

[...] Mas eu vivi e vivo um impasse que nunca antes, nos meus sonhos profissionais, nem nos meus temores, eu havia cogitado: que fosse o mestre privado do ofício de aluno. [...] não me era dado tempo, pelo próprio sistema educacional, para estudar. (Excerto – texto 5)

Observa-se, também, que os professores reclamam muito da indisciplina dos alunos e da falta de estrutura familiar, o que gera grande desconforto nos docentes. Na análise do *corpus*, é possível perceber que muitos professores perderam a autoridade em sala de aula e não conseguem ensinar adequadamente. Vasconcelos (2006, p. 135) aborda essa questão mostrando que “se não houver autoridade do professor para estabelecer um clima de aprendizado adequado, em que o professor deixa os alunos

fazerem o que bem entendem, a formação ficará deficiente”. Os trechos selecionados abaixo mostram que essa é a realidade em muitas salas de aula.

Nesse ano letivo eu mal consegui ensinar, pois a todo momento tenho que administrar a (in)disciplina. (Excerto – texto 4)

[...] o que ocorre nos dias de hoje é que o professor tem de saber lidar com o aluno, pois nos tempos de agora, é que ele não possui nenhuma estrutura familiar, o que atrapalha muito o nosso trabalho. (Excerto – texto 3)

[...] Mesmo aqueles mais excepcionais têm dificuldade de disciplinar. Muitos pais também não colaboram; não dizem aos seus filhos qual é o papel de cada um. (Excerto – texto 2)

Esse descaso, geralmente, vem acompanhado de uma dose dupla de indisciplina. Sim, eu me formei para ensinar e meu papel atual é disciplinar, raramente consigo dar uma aula em que eu sinta que consegui transmitir algo a eles. Essa realidade não é “privilégio” da escola pública, pois já lecionei em escolas particulares em que era impossível ensinar. (Excerto – texto 11)

Para um professor que sonhou poder entrar em uma sala de aula e ter à frente mentes ávidas pelo conhecimento, é frustrante reconhecer o desinteresse dos alunos por aquilo que lhe é ensinado. Os docentes sentem-se oprimidos, pois sabem de sua responsabilidade e, de certa forma, sabem que serão considerados culpados pela situação.

Já formado, quando entrei numa escola para praticar aquilo que sabia ou que sonhava, deparei-me com a dura realidade: ninguém se interessa por tudo aquilo que você quer passar. [...] não conseguimos ensinar porque não há a necessidade de aprender, e se não aprendem, a culpa é nossa! (Excerto – texto 6)

Creio que aqueles alunos desejosos pelo saber só existem em salas de preparação para o vestibular, pois o que vejo hoje é completamente diferente do que havia sonhado. Grande parte dos alunos não quer aprender e sequer ouvem o que temos a lhes dizer. (Excerto – texto 11)

A burocracia a que o professor está sujeito continuamente no ambiente escolar também foi ressaltada por alguns professores, pois são responsáveis por algumas atividades que não julgam necessárias.

Contudo, existe uma parte chata na nossa arte: a burocracia [...]. A aula em si é muito prazerosa. O entorno é extremamente complicado. (Excerto – texto 1)

Acreditava que o ensino deveria ser menos rígido e sim mais flexível, que não esbarrasse em questões burocráticas. (Excerto – texto 8)

Em contrapartida à frustração demonstrada em diversas redações do corpus, há alguns professores que demonstram conseguir, em meio ao caos, alcançar a realização profissional almejada.

Apesar da desilusão, ainda há muitos que recebem meu trabalho com atenção. Posso perceber que tenho ajudado diversos alunos em sua jornada escolar, inclusive a descobrir os prazeres do estudo. (Excerto – texto 1)

Tenho orgulho porque sou respeitada. Só sou respeitada porque sei os motivos de estar aqui [...]. (Excerto – texto 7)

3. Comprometer-se para transformar (compromisso x descompromisso)

Não é possível um compromisso autêntico se, àquele que se julga comprometido, a realidade se apresenta como algo dado, estático e imutável. (FREIRE, 1996, p. 21)

Outra categoria de análise, bastante latente, é o quão comprometido, ou não, o professor se coloca diante da necessidade de envolver-se com os compromissos do ato educador, tendo em vista a melhoria constante de sua própria prática profissional. Nota-se que há uma consciência, em praticamente todos os textos, da real inóipia de comprometer-se a fim de transformar. Todo ser humano, consciente e crítico, com capacidade para agir e refletir sobre sua ação no mundo pode comprometer-se com a realidade em que vive.

O ser humano que não reflete, nem age sobre o mundo, condiciona-se a ele, permanece estático, não transforma a realidade e não ultrapassa os limites impostos pelo mundo.

Analisando os relatos dos professores, nota-se que alguns, inconscientes de seu papel como profissional dentro da sociedade, tornaram-se docentes:

Pensava que eu sempre estudaria e teria muita disposição para inovar e reformular a maneira como meus professores me ensinaram. (Excerto – texto 6)

Outra professora, em seu depoimento, assumiu a carreira pelo desejo de ganhar um dinheiro extra:

[...] Me apaixonei pelo curso e decidi que iria dar aulas só para ganhar um extra (Excerto – texto 9).

O desejo de compartilhar o que aprendeu, até mesmo por almejar, para si mesmos, admiração e respeito, aparece como compromisso:

Inevitavelmente quem conhece sente a necessidade de propagar o que se aprendeu (nem que seja para mostrar para os outros que se interessou e conseguiu absorver algo...compartilhar do aprendizado que obtive durante a minha vida). (Excerto – texto 1)

Outros criam uma ideia fictícia e uma visão ingênua do magistério, pois seu compromisso era pura e simplesmente com a aula em si:

Era tudo que sonhava: entrar numa sala, explicar, coordenar os trabalhos e ensinar de forma diferente. Sempre imaginei as salas com alunos pacientes e ávidos por aprender algo, pois eu era assim na faculdade. (Excerto – texto 6)

Por isso, o comprometer-se torna-se impraticável.

Todos esses, sem consciência da sua posição no mundo, ao se depararem com a realidade, frustram-se e sucumbem ante os limites e obstáculos impostos pelo mundo, tais como: mudanças na sociedade, indisciplina dos alunos, formação científica precária, falta de recursos na escola pública, desestrutura familiar, pouco tempo para dedicar-se ao magistério, desinteresse dos alunos, desprestígio da profissão. Soma-se a tudo isso, o baixo salário e a desunião da categoria.

A situação concreta acima descrita impede o docente de um contato mais significativo com a realidade para transformá-la e, em vez de ser vista como um desafio, torna-se, infelizmente, um desestímulo. Isso dificulta a realização de um ato comprometido, pois o docente adaptou-se à realidade inconscientemente.

Um profissional com um compromisso autêntico é consciente do seu papel social, político e cultural aprimora-se e busca uma visão crítica da realidade. Observa-se isso no fragmento do texto 1 abaixo:

Descobri também que, algumas vezes ouvir meus alunos é mais importante e até mais interessante do que falar para eles. Com a troca ganho tanto quanto eles. Assim espero fazer a minha parte na formação de cidadãos atuantes e com voz em nossa sociedade e busco crescer profissionalmente para ter a certeza ainda maior que faço o que amo.

Segundo Paulo Freire (1991, p.17), isso não é ilusão, basta ter capacidade de refletir sobre sua práxis. Assim,

Somente um ser que é capaz de sair de seu contexto, de “*distanciar-se*” dele para ficar com ele; capaz de admirá-lo para, objetivando-o, transformá-lo e, transformando-o, saber-se transformado pela sua própria criação; um ser que é e está sendo no tempo que é o seu, um ser histórico, somente este é capaz, por tudo isto, de comprometer-se.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos textos analisados, percorrendo os caminhos da memória, da identidade e os da prática profissional dos docentes, pôde-se perceber que os professores mostraram grande idealização da profissão ao escolherem a docência, o que muitas vezes pode também ser um agente responsável pela frustração; uma vez idealizado, corre-se o risco de distanciar-se em demasia da realidade e, por conseguinte, frustrar-se, seja pelas experiências vividas e pelas próprias memórias de professores que passaram pelas suas vidas, seja pela época em que estudaram, em que se tinha um respeito maior pela profissão. Todos, aos estudarem, ou melhor, ao escolherem o magistério, almejavam e idealizavam a profissão.

Isso se faz presente em praticamente todos os textos, quando os professores relembram a escolha da profissão, mas vai mudando à medida que alguns entram no mercado de trabalho. Enquanto os profissionais em início de carreira ainda mantêm os mesmos sonhos e ideais, os docentes com algum tempo de experiência já deixam transparecer em seus discursos as frustrações e, também, alguns sonhos desfeitos.

É com base nas experiências de cada um, na memória que cada um tem e vem trazendo de sua profissão que outras categorias afloram, como o comprometimento e o descomprometimento notados nos discursos. Enquanto alguns têm a certeza do inacabamento do ser, sabem que precisam sempre buscar o conhecimento e que isso vai se refletir na prática docente, alguns já se mostram não mais com tanta vontade de buscar, de estudar, de tentar se transformar, ou ainda pior, nota-se também a completa desilusão e a total falta de interesse por parte do professor de se adequar às novas realidades exigidas pelo mercado, conforme se verifica no trecho abaixo retirado de um dos relatos.

Eu imaginava como seria bom ministrar em faculdades. Mas esse caminho é muito difícil, não sinto interesse nenhum em fazer um pós. Com certeza vou deixar meus doze anos de docência e mudar de profissão. (Excerto – texto 4)

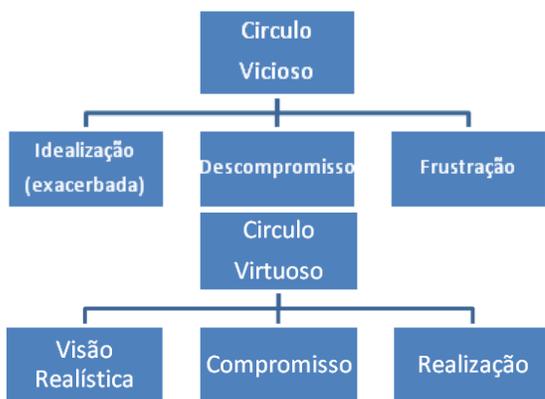
Além disso, o ideal de todos que abraçaram essa profissão – a realização profissional – nem sempre é atingido. Notou-se que, da mesma forma que alguns conseguiram atingir a plena realização, querendo cada vez mais seguir esse caminho, outros apresentam grande frustração em virtude de nem sempre concretizarem tudo aquilo que haviam idealizado, aí se retoma a questão da idealização como um dos pontos críticos da frustração.

Outra questão bastante interessante, que foi observada, foi o imbricamento das categorias de análise dos textos. Realidade x visão idealizada está intimamente ligada à frustração x realização, pois, como já foi aventado, o docente, ao idealizar exacerbadamente a profissão, está mais propenso à frustração do que aquele que tem uma visão mais realista da profissão, bem como consciência de seu real papel diante das diversas comunidades sociais em que trabalham ao longo de suas carreiras. Da mesma forma, compromisso x descompromisso também está ligado à realidade x idealização. Muitas vezes, o professor tem uma visão tão forte e comprometida da realidade que

questiona sua própria atuação naquele dado momento, o que dá margem para o descompromisso, que, por sua vez, abre as portas para a frustração.

Mas também há, em grande número, os profissionais que têm uma visão realista, são comprometidos e, por fim, atingem a realização profissional nas mais diferentes formas. É necessário lembrar sempre que a realização profissional do docente não virá instantaneamente e na contemplação do produto de seu trabalho, pois ele participa da formação de indivíduos e, portanto, não verá o resultado final do seu trabalho. É importante ressaltar que os professores comprometidos são aqueles que ainda creem na educação como uma das formas de mudança da sociedade. Esse fato remete a uma sábia fala de Freire (2005, p. 76) – “para ensinar é necessário ter a convicção de que a mudança é possível”.

Dessa forma, trata-se de um círculo vicioso e um círculo virtuoso



Sendo assim, mostram-se esses dois caminhos diferentes de atuação profissional, que aparecem e foram bastante significativos no *corpus* analisado, seja na memória dos profissionais, seja na hora da escolha profissional ou ainda em sua práxis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Unicamp. 1991.
- BUENO, Belmira Oliveira, SOUSA, Cynthia Pereira de, CATANI, Denice Barbara *et al.* *Docência, memória e gênero: estudos alternativos sobre a formação de professores*. *Psicol. USP*, 1993, vol.4, no.1-2, p.299-318. ISSN 1678-5177.
- CIAMPA, A.C. *A estória do Severino e a história da Severina*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

- FREIRE, P. A. *Educação e Mudança*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- _____. *Extensão ou comunicação?* 10ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- _____. *Política e educação*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- _____. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. 31ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- LE GOFF, J. *História e Memória*. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- HUYSSSEN, Andreas. “Mídia e Discursos da Memória”. In: Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 27, n. 1 (2004) (<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc/article/view/854>)
- POLLACK, M. “Memória e identidade social”. In: *Estudos Históricos*, 5 (10). Rio de Janeiro: 1992. (<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>)
- _____. “Memória, esquecimento, silêncio”. In: *Estudos históricos*. v. 2. n.3. Rio de Janeiro, 1989.
- SAVELI, E. L. “Narrativas autobiográficas de professores: um caminhão para a compreensão do processo de formação”. In: *Práxis Educativa*. Ponta Grossa, PR, v.1, n.1, p.94-105, jan.-jun 2006.